

## O PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS NAS HISTÓRIAS DOS BRASIS

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marina Vieira de Carvalho  
(UFAC)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iamara da Silva Viana  
(PUC-Rio)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana Bracks  
(Pós-Doc UFMG)

Ao olhar a arte da capa desta edição (MARIELLE CHRIST, Laucas<sup>1</sup>, 2020), não pela aceleração da vida moderna, que sacrifica o tempo presente em nome de um futuro unidirecional, e sim por um tempo *Sankofa*<sup>2</sup>, que traz as histórias de ancestralidades sócio-históricas negadas pela nossa *neurose cultural brasileira: o racismo* (GONZALEZ, 1984), podemos sentir-pensar sobre a miríade de significados e potências entorno da vida de Marielle Franco, uma grande protagonista da história recente do Brasil. Elementos ocidentais se conectam a afro-diaspóricos, de(s)colonizando as artes plásticas e os significados pré-determinados entorno das representações das mulheres negras na sociedade brasileira. Afinal, ruminar sobre essa imagem é se confrontar com as sensações entorno de uma complexidade heterogênea de identidades políticas, culturais, sociais, econômicas, espirituais, filosóficas, sexuais e de gênero que não se encaixam no nosso capitalismo racista e patriarcal de todos os dias. É com as potências transgressoras e re-existentes de *MARIELLE CHRIST* que a Revista TransVersos tem o prazer de apresentar sua 20<sup>a</sup> edição.

Número cuja chamada recebeu a maior quantidade de artigos da história da revista, o que é mais um dado comprobatório da demanda e relevância social da temática. Fato que, junto às dificuldades e desafios do contexto pandêmico, nos levou a dividi-la em duas edições para manter

---

<sup>1</sup> Contato: @daniellaucas

<sup>2</sup> “O ideograma Sankofa pertence a um conjunto de símbolos gráficos de origem akan chamado adinkra [...] significa ‘voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás’” (NASCIMENTO, 2008: 31).

nosso compromisso ético-político e acadêmico de combate ao *epistemicídio*, pois só convidamos pareceristas engajados na produção de conhecimento que possa combater o racismo científico. Racismo este praticado, por exemplo, em pareceres às *cegas* em que *especialistas* impõem a *colonização do saber* ao desqualificar teorias e metodologias que não se apresentam como neutras e universais – como as dos pensamentos feministas negros e de(s)coloniais –, justamente, porque essa suposta imparcialidade do fazer científico esconde um lugar de poder que é a imposição homogeneizadora do sujeito homem-branco-ocidental. Exagero? Até hoje para se tornar historiador(a) no Brasil, os cânones vão exigir a leitura da *clássica* interpretação marxista de um muito importante sujeito homem-branco de escrita moderna-ocidental, Caio Prado Júnior, que nega não só as epistemologias afro-brasileiras, como a própria condição de sujeito humano à população negra. “Definitivamente, Caio Prado Júnior ‘detesta’ nossa gente” (GONZALEZ, 1984: 235); no entanto, impossibilita que a resposta da intelectual Lélia Gonzalez a tal especialista seja considerada também como um *clássico* da historiografia ao não incluí-la nas referências canônicas da disciplina.

É por Lélia Gonzalez, é por Marilene Rosa Nogueira da Silva, mulher negra fundadora desta revista, e por inúmeras mulheres negras que sempre protagonizaram e protagonizam outras histórias dos Brasis, silenciadas pela historiografia hegemônica, que a Revista TransVersos apresenta a sua atual edição.

Autodefinições, oralidades, ancestralidades e de(s)colonialidades de corpos e epistêmicas entram para a história da construção da cidade de Florianópolis no artigo de Carol Lima de Carvalho. A autora nos apresenta os desdobramentos do racismo estrutural, tão invisibilizado pela tradicional historiografia brasileira, por meio de uma análise interseccional da vida de mulheres que atuaram na ocupação e construção de espaços culturais negros na cidade. Resistências ao entrecruzamento das opressões de raça, gênero e classe nos são apresentadas por meio das histórias dessas sujeitas protagonistas da história de Florianópolis.

Como seria a história do cotidiano do Rio de Janeiro por meio das narrativas de uma mulher negra líder de comunidade da zona norte da cidade? Esta é a proposta do artigo de Maria Angélica Zubaran e Denise Bock de Andrade, no qual o conceito de *escrevivências* de Conceição Evaristo se transforma em operador metodológico na (re)construção da história do *Morro do Andaraí*, por meio das narrativas autobiográficas de Jurema Batista. As autoras nos apresentam

alguns dos efeitos das ressignificações de identidades sócio-históricas de “raça” e “gênero” tecidas por mulheres negras desta comunidade em suas buscas por constituições de si positivas, relacionadas diretamente com a luta por conquista de direitos à comunidade.

Cláudia Gomes Cruz, Ana Lúcia da Silva Raia e Mônica Regina Ferreira Lins contribuem para as análises e discussões sobre as escritas de Maria Carolina de Jesus como decoloniais ao romper com a colonização do saber em sua vida e escrita. Por meio das obras: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* e *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, problematizam a intelectualidade de Maria Carolina de Jesus, entrecruzando perspectivas dos feminismos negros e feminismos decoloniais.

Beatriz do Nascimento Preche, em: *O imoral escândalo da prostituição de escravas: pensando a prostituição a partir das mulheres negras no Rio de Janeiro (1871)*, apresenta uma significativa renovação historiográfica sobre o tema ao romper com o tradicional destaque dado a prostituição de europeias no período em destaque. O artigo problematiza a tensão não apenas de gênero, como também de raça que entrecruzam as tecnologias da *moderna colonialidade de gênero* (LUGONES, 2008). As autoras analisam transformações e continuidades efetivadas pela interferência do público em uma relação até então de domínio privado.

O apagamento de intelectuais negras - *epistemicídio* - é constante no Brasil, bem perceptível na vida de Virgínia Bicudo, que Rosa Coutinho Schechter e Paulo Eduardo Viana Vidal aqui retiram do silenciamento. Na década de 1950, Virgínia Bicudo, socióloga e psicanalista negra conduziu profundas pesquisas sobre racismo no Brasil, nas quais afirma a cor da pele como obstáculo para a ascensão social, pois apenas a ascensão econômica não era suficiente para demover os preconceitos em relação aos negros. Divergindo assim da “democracia racial”, amplamente aceita pela intelectualidade da época.

Clécia Aquino Queiroz e Vítor Aquino Queiroz apresentam a trajetória de vida de cinco sambadeiras, as quais atuaram para dar continuidade à tradição transmitida por seus antepassados. Os autores mostram como o samba proporciona conexão com ancestralidades africanas, significado, para estas mulheres, como um “lugar de alento, onde as dimensões corporais e espirituais se complementam”, tomado, assim, como elemento vital para os seus enfrentamentos diários. O texto contribuiu para os estudos sobre *rito* e *performance*, problematizando o Samba de Roda como potencializador de empoderamentos a estas “donas”, as quais exercem importantes papéis na produção de realidades nas comunidades negras do

Recôncavo baiano, com atenção especial ao papel fundamental das mulheres na organização do ritual.

Luciana Falcão Lessa discute os efeitos da colonização, da escravidão e do racismo na subjetividade de mulheres negras. A pesquisa multidisciplinar traz os principais conceitos e teorias a respeito dos sentimentos partilhados pelas integrantes da *Rede de Mulheres Negras da Bahia*, a partir de suas experiências cotidianas, familiares, afetivas e políticas. A autora apresenta os efeitos que a memória da escravidão e o racismo produziram nas experiências subjetivas destas mulheres e busca entender esse processo a fim de discutir se sua reversão é possível, visibilizando estratégias para o enfrentamento do racismo e fortalecimento da identidade e autoestima dessas sujeitas racializadas. O texto valoriza a subjetividade e afetividade, trazendo as experiências vividas e as emoções como objeto de estudo da História, a partir dos principais referenciais teóricos dos feminismos negros e estudos decoloniais.

Lucymara da Silva Carvalho, Maria Aparecida Prazeres Sanches, em diálogo com estudos historiográficos, sociológicos, filosóficos e do pensamento feminista negro, analisam as inquietações, angústias e alegrias sentidas por mulheres negras retintas. A partir dos conceitos de “escrevivências” e “corpo-território”, entendem que a *escrita de si* para as mulheres negras se constitui como um ato de desobediência e insubordinação, proporcionando um movimento de encontro, reconhecimento e superação. O texto mostra como o entrecruzamento das opressões de gênero e raça impõem limites na vivência afetiva e sexual das mulheres negras e traz o *autoamor* como uma fonte de cura, bem como analisam a escrita negra e feminina como ferramentas de empoderamento.

Sirlene Ribeiro Alves Correio nos apresenta Cacilda Francioni de Souza, mulher preta que viveu dois tempos: o da escravidão e o do pós-abolição. Por meio de suas reflexões, a autora nos convida a refletir sobre o apagamento sofrido por esta mulher pela historiografia. Sua trajetória inclui ações abolicionistas, produção de livros didáticos, literários e docência, demarcando o lugar de Cacilda como intelectual negra numa sociedade marcada pelo patriarcado racista.

A autora Juçara Mello nos brinda com o protagonismo de mulheres negras no contexto da *cultura fabril* nos anos 1950-1960, em Santo Aleixo, distrito de Magé, no Rio de Janeiro. Refletindo acerca da invisibilidade legada pela historiografia à mulher negra operária, a autora apresenta olhar peculiar revisitando histórias marcadas pela *interseccionalidade*. O encontro entre

duas mulheres negras – Lúcia de Souza, operária e Ruth Telles, professora - assinala, “a projeção de uma representatividade determinante na construção da identidade étnico racial”.

Roberta Santos Fumero e Veronica Cunha Correio, na sessão: *Experimentações*, refletem a partir de diferentes intelectuais negras – brasileiras e estrangeiras – a trajetória de mulheres negras moradoras da Baixada Fluminense no Estado do Rio de Janeiro. O modo como essas mulheres, por meio da escrita transformam seus mundos, suas realidades, suas perspectivas concretizaram-se por meio da mobilização política ao criarem um coletivo, o *Mulheres do Ler*.

Por último, mas não menos relevante, na seção: *Artigos livres*, Roberto Augusto A. Pereira Correio apresenta a “*Companhia Brasileira e a constituição do Teatro Folclórico no Brasil*”, entre os anos de 1949 e 1951. O autor analisa o protagonismo do grupo que atuou entre intelectuais e jornalistas. Como tema central, tais grupos refletiam sobre a identidade nacional brasileira e sua relação dialógica com a chamada *cultura negra e popular*.

O presente número da *Transversos* vem, portanto, produzir visibilidade historiográfica as mulheres negras da nossa história, entendidas como sujeitas da transformação social e da produção de realidades e sentidos, capazes de possibilitar à luta contra a opressão e violência vivenciadas há séculos nestes Brasis. Os artigos aqui reunidos não apenas denunciam epistemicídios e silenciamentos operados sobre as práxis das mulheres negras, mas trazem também, em seu conjunto, novas perspectivas teórico-metodológicas, que reconhecem os sentimentos e aflições da(os)s sujeita(o)s histórica(o)s.

As leitoras e leitores encontrarão aqui outras formas de produzir historiografia, de construir ciências humanas, em que as experiências *interseccionais* (CRENSHAW, 2002) das mulheres negras atravessam e significam as realidades sócio-históricas. As protagonistas negras emocionam e encantam com suas dores e conquistas e, através de suas trajetórias, podemos identificar diversas possibilidades de re-existências ao longo da história deste país. Apresentamo-las em suas potências de ação e transformação, as quais, individual ou coletivamente, carregam a possibilidade de alterar as subalternizações que as tecnologias de poder do patriarcado branco colonial insistem em condicioná-las. Esperançamos que as escritas aqui presentes reguem as sementes plantadas pela agora ancestral Marielle Franco, em seus ensinamentos potencializadores da necessária *esperança*. Não a que se prende na imobilização da espera e sim como pensada por Paulo Freire (2002), a qual permite compreender a história não como pré-determinada, mas sim como contingencial porque aberta a transformação construída por diferentes sujeita(os). Neste

dossiê, destacamos as possibilidades de construção de uma sociedade contrária a colonialidade do capitalismo racista e patriarcal, esperando o florescer de temporalidades mais justas e humanas para todes.

### Referências Bibliográficas

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs, p. 223-244, 1984.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*. Bogotá, nº09, p. 73-101 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

\* \* \*

### Sobre as Editoras

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marina Vieira de Carvalho:** É doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com período sanduíche em Université Paris VII (Paris- Diderot), fomentado pela CAPES. Possui mestrado em História pelo PPGH / UERJ; Pós-Graduação Lato Sensu em História do Brasil pela UFF; Licenciatura e Bacharelado em História pela UGF. É professora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre (CFCH/UFAC), coordenadora de pesquisa do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/UFAC), pesquisadora vinculada ao Laboratório de Estudos das Diferenças Desigualdades Sociais (LEDES / UERJ) e ao Grupo de Pesquisa Descoloniais Carolina Maria de Jesus. Atualmente desenvolve pesquisas sobre de(s)colonialidades, com destaque para os femininos de(s)coloniais.

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iamara da Silva Viana:** Professora do Departamento de História da PUC-Rio. Doutora em História Política UERJ com estágio na EHES/Paris (2016); Mestre em História Social UERJ/FFP (2009); Bacharel e Licenciada em História UFRJ (2004). Professora Colaboradora do PPGHC/IH/UFRJ; Coordenadora da Pós em África e Cultura afrodescendente PUC-Rio, Pólo Duque de Caxias; Coordenadora do Laboratório de Ensino de História e Patrimônio Cultural (LEEHPAC/PUC-Rio); Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente (NIREMA/PUC-Rio); Pesquisadora do Laboratório de Estudos de História

Atlântica das Sociedades coloniais e pós-coloniais (LEAH/IH/UFRJ). Desenvolve pesquisa sobre Escravidão no Brasil no século XIX e suas conexões Atlânticas, Caribe Francês, Corpos escravizados e pensamento médico, Ensino de História, Cultura Material, Patrimônio Cultural e Relações étnico raciais.

**Profª Drª Mariana Bracks:** Mariana Bracks é Mestre e doutora em história pela USP, com estágio pós-doutoral na UFMG. (Futura) Professora de história da África na Universidade Federal de Sergipe. Autora dos livros *Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola* (Mazza, 2015), *Ginga de Angola: memórias e representações da Rainha guerreira na diáspora* (Brazil Publishing, 2019) e do livro em quadrinhos *Rainha Ginga guerreira de Angola* (Ancestre, 2016).

\* \* \*

**Como citar:**

CARVALHO, Marina Vieira de; VIANA, Iamara da Silva; BRACKS, Mariana. O protagonismo das mulheres negras nas Histórias dos Brasis. In: *Revista Transversos*. Rio de Janeiro, n.º. 20, 2020. pp. 6-12. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528.